

O FATOR IDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Aline CANTAROTTI
Universidade Estadual de Londrina (CAPES)

Luciana Cabrini SIMÕES
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: Muitos acreditam que as crianças são melhores aprendizes de uma língua estrangeira e superam os adultos em vários aspectos relacionados a este processo. Tais aspectos variam desde a pronúncia até a total competência lingüística na língua-alvo. O objetivo deste texto é apresentar o que vários teóricos afirmam em relação ao fator idade, tecendo algumas considerações sobre a diferença na aprendizagem entre crianças e adultos. Serão apresentados também alguns estudos empíricos relacionados ao tema. Por fim, discutiremos algumas das crenças que alunos do curso de Letras em uma Universidade Estadual do norte do Paraná e profissionais da área têm sobre o assunto, com base em respostas obtidas através de questionários.

PALAVRAS-CHAVES: *ensino-aprendizagem; língua estrangeira; idade*

ABSTRACT: Most people believe children are better learners of a foreign language and that they overcome adults in various aspects when it comes to this process. These aspects vary going from pronunciation to the total linguistic competence in the target language. The main purpose of this paperwork is to present what various researchers say about the age factor, building some considerations about the difference in the learning process between children and adults. Some empirical studies concerning this matter will be presented. Finally, we will discuss beliefs that some students from a State University from the north of Paraná (Brazil) and the professors have about this subject, based on answers given in some questionnaires.

KEYWORDS: *teaching and learning; foreign language; age*

INTRODUÇÃO

Na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, um dos assuntos mais discutidos refere-se à relação entre a idade e o processo de aprendizagem de língua estrangeira. Muitos acreditam que quanto mais cedo uma pessoa iniciar seu aprendizado, mais sucesso obterá. Por outro lado, há estudos que não corroboram esta idéia, indicando que na questão referente à aquisição e à aprendizagem de LE, há outros fatores e aspectos a serem apreciados. Assim, neste texto exporemos o referencial teórico relacionado a este assunto, apresentaremos o resultado de alguns estudos realizados nesta área, e discutiremos

também a análise dos dados referentes a um questionário¹ respondido por alunos de Letras sobre a experiência, o conhecimento e as crenças deles relacionados a este tópico.

IDADE E APRENDIZAGEM DE LE – O QUE DIZ A TEORIA

Baseando-se em observações de famílias imigrantes, nota-se que existe uma diferença entre a produção lingüística de crianças e adultos. De acordo com Lightbown e Spada (1998), as crianças de famílias imigrantes falam a língua de suas novas comunidades com uma fluência parecida com a de um falante nativo. Por outro lado, os adultos podem se comunicar com sucesso na língua, mas sempre haverá diferenças de pronúncia, escolha de palavras ou características gramaticais que os diferenciam de falantes nativos ou de falantes que começaram a aprender a língua mais cedo.

Segundo estes mesmos autores, uma explicação para esta diferença refere-se à Hipótese do Período Crítico. Esta hipótese sugere que há uma fase no desenvolvimento humano quando o cérebro está predisposto para o sucesso na aprendizagem de línguas. De acordo com este ponto de vista, a aprendizagem de língua que acontecer depois do final do período crítico não estará baseada em estruturas inatas, as quais contribuem para a aquisição da primeira ou segunda língua. Ao invés, aprendizes mais velhos dependem mais de habilidades de aprendizagem mais gerais – as mesmas usadas para aprender outros tipos de habilidades ou informações. O Período Crítico, conforme muitos autores (e.g. LIGHTBOWN e SPADA, 1998), termina por volta da puberdade.

Comparando a aprendizagem de crianças e adultos, podemos citar Krashen e Terrell (1983), os quais afirmam que as crianças são melhores no resultado final, e os adultos, por outro lado, são mais rápidos no início da aprendizagem, pois eles são capazes de obter um insumo mais compreensível. Assim, os adultos são mais aptos a reconhecer o insumo recebido, são melhores em gerenciar conversações ou em controlar o insumo a eles dirigidos.

Os mesmos autores também salientam que os adultos têm um grande conhecimento de mundo ou extralingüístico. Este grande conhecimento extralingüístico ajuda a fazer o *input* compreensível.

Brown (2001), Krashen e Terrell (1983) concordam que a eventual superioridade da criança diz respeito aos fatores afetivos. A criança tem um baixo filtro afetivo e por isso ela estará mais receptível ao insumo.

Conforme Lightbown e Spada (1998) é difícil comparar crianças e adultos aprendizes de segunda língua. Uma das dificuldades para a comparação refere-se às diferentes condições de aprendizagem. De acordo com tais autores, aprendizes mais novos em ambientes de aprendizagem de língua informais geralmente têm mais tempo para se dedicar à aprendizagem da língua. Eles têm mais oportunidades para escutar e usar a língua em ambientes onde não há uma forte pressão para falar fluente e corretamente desde cedo. Diferentemente, aprendizes mais velhos estão geralmente em situações que demandam uma linguagem mais complexa e expressão de idéias mais elaboradas. Adultos são sempre envergonhados por sua falta de domínio da língua e eles podem desenvolver uma sensação de inadequação depois de experiências frustrantes em tentar expressar exatamente o que querem.

Além disso, um dos maiores pontos de controvérsia na relação idade-aquisição-proficiência é quando as diferenças entre aprendizes adultos e crianças são devido ao resultado de fatores ambientais e contextuais ou a mudanças nos mecanismos mentais e neurológicos responsáveis pela aprendizagem da língua. Os autores dos estudos citados neste trabalho argumentam com base nas seguintes explicações:

- acuidade sensorial: a capacidade da aprendizagem da língua dos adultos é prejudicada pela deterioração de suas habilidades para perceber e segmentar os sons na segunda língua;
- explicação neurológica: há mudanças na estrutura neurológica do cérebro (perda de plasticidade, lateralização e maturidade cerebral) em determinadas idades que afetam as habilidades de os aprendizes adquirirem a pronúncia e a gramática da segunda língua;

¹ O modelo do questionário respondido por alguns alunos do 3.º e 4.º anos do curso de Letras (alunos estes que já são professores em escolas de idiomas) de uma universidade do norte do Paraná encontra-se em anexo.

- fatores afetivos: as crianças são mais fortemente motivadas a interagir com falantes nativos e têm menos ansiedade ao se comunicar na segunda língua;
- fatores cognitivos: adultos confiam nas suas habilidade indutivas para aprender uma segunda língua enquanto as crianças usam o mecanismo inato de aquisição da linguagem;
- insumo: o insumo recebido pelas crianças é superior ao recebido pelos adultos, contudo, os adultos têm a oportunidade de negociar o sentido de suas mensagens.

Apesar das diferentes conclusões alcançadas por diferentes pesquisadores, Ellis (1994) conclui que uma base comum está havendo maior consenso entre os pesquisadores nos aspectos que seguem:

- 1) Aprendizes adultos aprendem mais rapidamente na área da gramática;
- 2) Somente as crianças são capazes de adquirir uma pronúncia igual à do nativo em contextos naturais de aprendizagem. Long (1990) estabelece a idade crítica como a de 60 anos, mas Scovel (1981) considera que não há evidencia suficiente para isso e acredita que a idade ideal é a pré-adolescência. Os adultos podem conseguir uma pronúncia igual a do nativo através do ensino, porém, mais pesquisas ainda são necessárias para sustentar esse argumento;
- 3) As crianças provavelmente têm mais chances de adquirir uma competência gramatical igual à do nativo. O período crítico para a gramática pode ser mais tarde (por volta dos 15 anos) do que para a pronúncia. No entanto, alguns adultos podem atingir um grau de competência gramatical semelhante ao do nativo na fala e na escrita e até mesmo alcançar “total competência lingüística”;
- 4) Independentemente de apresentarem proficiência igual à do nativo, as crianças provavelmente alcançam maiores graus de resultados finais tanto na pronúncia quanto na gramática do que os adultos;
- 5) O processo de aquisição para se adquirir a gramática da segunda língua pode não ser afetada pela idade, mas a pronúncia quase sempre será.

RESULTADOS DE ALGUNS ESTUDOS REALIZADOS

Um dos estudos de base para este trabalho consta do texto “*Input, Negotiation and age differences in Second Language Acquisition*”, por Robin C. Scarcell e Corrine Higa (1981). Neste estudo, Scarcella e Higa fazem experimentos (gravações de sessões de instrução de atividade) com jovens, adultos e crianças interagindo com falantes nativos. A pesquisa aponta duas hipóteses: a) que os adultos nativos proporcionam input mais facilitado para aprendizes mais jovens do que aquele que é dado a aprendizes mais velhos; b) aprendizes mais velhos usam mais técnicas e mecanismos conversacionais de negociação que aprendizes mais jovens. Por exemplo, ao participar de interação face-a-face, ambos os participantes querem manter o padrão conversacional e estabelecer entendimento, e esse fato, para os pesquisadores, exige alguns tipos de trabalhos, como por exemplo, o trabalho do falante nativo para assegurar entendimento. Este tipo de trabalho se subdivide ainda em 3 categorias: como o falante nativo chama a atenção do aprendiz de segunda língua; o modo como o falante nativo simplifica sua fala; e os mecanismos de clarificação usados pelos falantes nativos para que os aprendizes entendam a mensagem. Para a primeira dessas categorias, o recurso usado seria a repetição, ou seja, incluir “nós” na fala, fazer perguntas e usar formas imperativas, fazer uso de *frames*, ou seja, expressar suas idéias por meio de palavras, incentivos e ter entoação exagerada e gestos não verbais. Para a segunda dessas categorias, o recurso usado seria uma linguagem simplificada (às vezes uso de estruturas não-gramaticais e vocabulário também simplificado). E por fim, para a terceira e última, o recurso seria a verificação de entendimento através de exclamações como “okay”, “huh”, “right” etc.

Um outro tipo de trabalho para manter o padrão conversacional seria o trabalho do falante não nativo para fazer com que o input seja compreensível. Em outras palavras, da mesma forma que o nativo tenta fazer isso, o não nativo tenta também obter *input* compreensível, normalmente com perguntas iniciadas por “como”, “o que”, “onde”, “por que” e a expressão “huh”.

E por fim, o último tipo de trabalho para a manutenção de padrão conversacional seria o trabalho do falante nativo e do não nativo para manter a conversação. Uma vez que o nativo faz uso de questões retóricas e da repetição, o não nativo além de usar a repetição, sai pela tangente nos atos conversacionais, iniciando ou mudando um tópico e fazendo uso de arquivos conversacionais, tais como “ya know” e “let’s see”.

As conclusões sobre este trabalho de Scarcella e Higa foram que, primeiro, o *input* fornecido é mais simplificado para crianças que para adultos e, segundo, apontaram um paradoxo das idéias de Krashen sobre o modelo de input otimizado para aquisição de línguas (o tipo de modelo que foi dado para as crianças neste estudo, sendo um pouco mais avançado que seu nível atual). Com o uso deste modelo, os aprendizes mais jovens deveriam ter uma performance melhor que os aprendizes adultos em estágio inicial, mas acontece o contrário, pois os adultos negociam mais na conversação do que os mais jovens ou as crianças, e a negociação faz com que o input seja trabalhado. Falantes não nativos que não negociam input podem receber este muito facilitado ou muito além do seu nível atual de língua.

Um segundo estudo foi realizado por Snow e Hoefnages-Höhle (1978 apud LIGHTBOWN & SPADA, 1993), os quais investigaram falantes de inglês aprendendo holandês na Holanda. Os sujeitos da pesquisa foram crianças de 3 a 10 anos, adolescentes de 12 a 15 anos e adultos de 18 a 60 anos. Estes estudiosos observaram a competência lingüística e comunicativa (pronúncia, compreensão auditiva, morfologia, repetição de sentenças, tradução, vocabulário, compreensão e narração de histórias) dos sujeitos. Os aprendizes foram testados três vezes, em um intervalo de 4 a 5 meses. As crianças e os adolescentes freqüentavam escolas holandesas. Os adultos trabalhavam em ambientes holandeses, mas a maioria dos colegas holandeses falava inglês bem. Os outros adultos eram pais que não trabalhavam fora de casa e que tinham pouco contato com o holandês. Os resultados mostraram que os adolescentes e adultos aprenderam mais rápido do que as crianças nos primeiros meses de exposição ao holandês. Portanto, no final do ano, as crianças estavam rapidamente superando os adultos (por exemplo, na pronúncia, na compreensão e narração de histórias). No entanto, no geral, foram os adolescentes que demonstraram os mais altos graus de desempenho. Assim, Snow e Hoefnages-Höhle concluem que seus resultados fornecem evidências de que não há um período crítico para a aquisição da língua.

Um outro estudo desenvolvido por Patkowski (1990) corrobora a hipótese de que existe um período crítico para a aprendizagem de uma língua estrangeira: somente aqueles que tivessem começado a estudar a segunda língua antes dos 15 anos poderiam alcançar um domínio total da língua. Os sujeitos da pesquisa foram 67 imigrantes com alto grau de educação nos Estados Unidos que começaram a aprender inglês em idades diferentes, mas estavam morando nos EUA há mais de cinco anos. Gravou-se uma entrevista com cada um dos sujeitos da pesquisa e foram transcritos cinco minutos de gravação para apresentar as amostras para falantes nativos treinados para julgar. Eles poderiam dar notas de 0 (representando nenhum conhecimento da língua) a 5 (representando um nível de inglês esperado de um falante nativo com estudo). A pergunta de pesquisa de Patkowski foi: “Há alguma diferença entre alunos que começaram a aprender inglês antes da puberdade e aqueles que começaram mais tarde?”. Os resultados indicaram que 32 dos 33 sujeitos que começaram a aprender inglês antes dos 15 anos pontuaram no nível 4+ ou 5, e a maioria dos alunos no grupo da pós-puberdade pontuaram 3+. Patkowski concluiu que a idade da aquisição estabelece limites para o domínio completo da segunda língua, não se limitando apenas ao sotaque. Assim, estes resultados deram sustentação à Hipótese do Período Crítico para a aquisição da segunda língua.

ANÁLISE DOS DADOS – QUESTIONÁRIO

Com a intenção de fornecer dados mais próximos de nossa realidade, as pesquisadoras aplicaram um questionário a professores de escola de idiomas e alunos de Letras de uma Universidade Estadual do Paraná em serviço para a coleta de dados sobre o fator idade e o processo de aprendizagem de línguas. Ao todo, foram 15 sujeitos pesquisados, dos quais a média de tempo de trabalho ministrando aulas de inglês variava de 1,5 a 15 anos. Na sua maioria (80%), os sujeitos atendiam e ministravam aulas a um público constituído das três faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. Apenas 10% ministravam aulas somente para adultos e os outros 10% somente para adolescentes.

Uma das perguntas de pesquisa se referia a crenças sobre as diferenças no processo de aprendizagem de Língua Estrangeira entre alunos mais jovens e alunos mais velhos. Dos pesquisados, 100% acreditam que há diferenças neste processo. Um dos pesquisados afirma que “adultos são mais eficazes por terem objetivos traçados”. Outro diz que “adolescentes quando motivados conseguem captar com mais rapidez”, ou ainda “apesar das crianças terem mais facilidade, elas não têm a sistematização dos adultos (listas de vocabulários, pontos gramaticais, etc.); além disso, um outro pesquisado diz também que “em geral, alunos mais velhos têm mais dificuldades, porém, aqueles com vida acadêmica ativa apresentam menores/ nenhuma dificuldade”. Para finalizar, outro afirma: “os mais velhos buscam maiores explicações; os jovens assimilam mais fácil e rapidamente”.

A outra pergunta de pesquisa era quanto às crenças sobre qual seria a melhor idade para começar a aprender uma língua estrangeira. Houve unanimidade de que quanto mais cedo se começa, melhor é, ou seja, quando crianças. Apenas um dos pesquisados cita a ciência como embasamento de sua resposta. Os outros pesquisados basearam-se em experiências vividas em sua prática e sua própria crença. Uma das pesquisadas diz ser “a criança, pois as janelas de percepção ainda encontram-se abertas e a fluência, o sotaque e a pronúncia serão mais fáceis de serem assimilados”. Outro diz “o mais cedo possível, pois quanto mais cedo se iniciar esse processo, mais proveitoso será a essa pessoa (vestibular, comunicação, mercado de trabalho, cultura, etc.)”.

Quando no questionário foram indagados sobre leitura quanto ao fator idade e o processo de aprendizagem de línguas, 40% dos pesquisados disseram que leram textos referentes ao assunto nas aulas de lingüística aplicada; 40% afirmaram que leram, mas não se lembravam onde e 20% confessaram não ter embasamento teórico sobre este assunto.

CONCLUSÃO

Desta maneira, podemos concluir que a maioria dos entrevistados baseou-se em experiências vividas e não na teoria sobre aprendizagem de língua estrangeira. Constatamos também que a crença de que “quanto mais cedo melhor” é consenso entre os pesquisados.

Podemos notar também que devido à experiência vivida, a maioria dos entrevistados percebe a diferença na aprendizagem entre crianças e adultos, portanto faltou a eles embasamento teórico para argumentar ou expor as suas explicações. Assim, conforme visto, há diferentes pontos de vistas relacionados à aprendizagem e à faixa etária. Portanto, é interessante que professores e alunos – futuros professores conheçam o que as pesquisas e teóricos expõem sobre o assunto para então conhecerem e entenderem melhor o contexto onde atuam, e saibam assim, trabalhar melhor com as diferenças.

Por fim, concluímos também que a idade é apenas um dos fatores a serem considerados no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Para que esta tenha sucesso, é importante também levar em conta as oportunidades de aprendizagem, a motivação, as diferenças individuais e a aptidão, entre outros fatores.

REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON, A. M.; GONÇALVES, M. O. C.; Qual é a melhor idade para aprender línguas? Mitos e fatos. **Revista Contexturas**, n.5, 2000-2001.

BROWN, H. D. **Teaching by Principles. An Interactive Approach to Language Pedagogy**. Longman, 2001.

COOK, V. **Second Language Learning and Language Teaching**. 1997

FLEGE, J. E. A Critical Period for Learning to Pronounce Foreign Languages? **Applied Linguistics** 8 (2), p.162-177, 1987.

KRASHEN, S. D.; TERRELL, T. D. **The Natural Approach. Language Acquisition in the Classroom**. 1983.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How Languages Are Learned**. Oxford University Press. 1998.

OLIVER, R. Age Differences in Negotiation and Feedback in Classroom and Pairwork. **Language Learning** 50:1, 2000.

PATKOWSKI, M. Age and Accent in a Second Language: A reply to James Emil Flege. **Applied Linguistics** 11, 1990.

SCARCELLA, R.C.; HIGA, C. Input, Negotiation and Age Differences in Second Language Acquisition. **Language Learning**, 31/2, p. 409-435, 1981.

SPOLSKY, B. **Conditions for Second Language Learning**. Oxford University Press. 1990

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) professor (a),
Somos alunas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina e estamos realizando uma pesquisa sobre o fator idade e o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras. Gostaríamos de contar com sua contribuição respondendo ao questionário abaixo.

Agradecemos antecipadamente a sua colaboração,
Aline e Luciana

- 1) Há quanto tempo você leciona língua inglesa / espanhola / francesa?
- 2) Você trabalha / já trabalhou com crianças, adolescentes e adultos?
- 3) Você acredita que exista alguma diferença no processo de aprendizagem de língua estrangeira entre alunos mais jovens e alunos mais velhos? Justifique sua resposta.
- 4) Na sua opinião, qual é a melhor idade para começar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira? Por quê?
- 5) Você já leu algum texto relacionado a este assunto? Qual a sua opinião sobre o(s) mesmo(s)?